

ETYMOLOGIAS PORTUGUESAS

I Arvoado

ARVOADO: *aturdido, atordoado, tonto, estonteado*, está por *ervoado* de *errolado*, lat. *herbulatus* de *herbula*, dim. de *herba*, e significa *envenenado, intoxicado, embriagado com plantas maleficas*.

ARVOADO em lugar de *ervoado* por influencia do *r*.

Cfr. o gall. ARBULARIO, cast. ARBOLARIO: *hombre sin seso, botarate*; — cast. HARBOLARIO: *apotecario, vendedor de yerbas medicinales*, — e o antigo port. *errolar*, cast. *erbolár*: *envenenar por meio de plantas*.

Berceo, Mil. 340,3: *Semeias erbolado*, que ás iervas bebido.

Timoneda, Ciegos y Moço: *aunque sé un poco entenderme de harbolario y también de apotecario*.

Port. Mon. Hist., Leges p. 764 *Quin rio errolaverit, pectet in morabitos* (id. p. 809, 882 e 926).

II Avental

Está por *avantal* que hoje ainda é popular no Minho, Douro e Tras-os-Montes e é derivado de *avante*. Cfr. hesp. *delantal* e *delantar* de *delante*. — Significa pois á letra — a cousa que se põe por diante.

III Bebera. IV Baforeira

Uma especie de figo temporão tem em port. o nome de *bebera*, em cast. o nome gallego de *breva*. — (Em port. temos a phrase *dar bebras em janeiro*; em cast. a formula *de higos en brevas*, que significa *de vez em quando*). — O tal figo, comprado por uma minha criada, *estramontana* como ella costumava dizer, no mercado da Granja (9/9/86), foi por ella chamado *bifaro*. — Além d'isso ha no paiz figueiras bravas, nomeadas *baforeiras* que têm fama de possuirem força magica. O sumo da fructa verde é remedio «infallivel» contra as verrugas. As *Ordenações Manuelinas* (v, 33 § 3) prohibiram *cortar solas em figueira baforeira*.

Todas estas formas — *bebera*, *breva*, *bifaro* e *baforeira* (vulgarmente também *beforeira* e *belforeira*) procedem do lat. *bifera*.

Omitto o material comprovativo, porque o snr. Cornu o dá no seu admiravel estudo sobre a lingua portuguesa nos paragraphos 7, 26, 54; 50, 51, 64 e 65. ¹

¹ [Talvez se deva relacionar com este etymon o nome de terra BAFORÉIRAS (na Beira-Alta) = *baforeiras*, com dissimilação do *r*. — *J. L. de V.*]

V Bolsar

Este verbo popular que designa o vomitar das crianças de peito, não representa o lat. *vorsare versare*, como o indicam o meu amigo Coelho (Dicc. Etym.) e o snr. Cornu § 53).

A forma mais velha, em que a litteratura o apresenta é *boomsar*.

Boav. III 147.: «E dirás ao povoo: eras vos darey carnes ataa huñ mes e ataa que *boomsedes*». E' facillimo reconhecer nesta forma primitiva o latim *vomitare* por *vomitare*.

Bolsar ou *bolçar* de *bomsar* por *boomsar* pôde ser considerado como etymologia popular.

De *comçar* (*vomitare*) nasceram ainda, por metathese, *vosmar* e *gosmar*.

VI Brilha[s]

A parte superior da coxa tem na linguagem popular de Portugal e de Galliza o nome de *brilhas*. A linguagem antiga dizia *verilha[s]*; Boav. II p. 268 e 270. Os litteratos modernos escrevem *virilhas*, em harmonia com o etymó verdadeiro que é o latim *virilia* (franc. *virille*), como reconheceu o erudito professor de Praga que já citei nestas notas (Veja-se p. ex. o § 31). *Esbrillado* (gall.): quebrado, roturado.

A queda de vogaes atonas, collocadas entre muta e liquida é eminentemente popular, e muito usada, principalmente na primeira syllaba, na Galliza mais ainda do que em Portugal.

Temos *branda* por *veranda*; *berengena* por *berengena*; braco = *ver-raco*; *bringela* por *beringela*, *brau* por *verao* = *verão*; *San Brijeme* por *San Verissimo*; *broa* por *boroa* = *moroa*; *crella* = *querella*; *eresma* *coresma* por *quaresma*; *cruja* = *coruja*; *crocha* = *curocha*; *Crolina* = *Carolina*; *cruto* = *curuto*, *cocuruto*; *Cruña* = *Coruña*; *erosidá* = *curiosidad*; *cração* = *coração* (Boav. II 13 e 231); *fraude* = *furaute*; *frida* = *ferida*; *Fleciana* e *Freciana* = *Feliciano*; *pregrino* = *peregrino*; *plucia* = *pelucia*; *prizel* = *perrexil*; *tronjil* = *toronjil*; *custujar* e *enfrujar* = *enfetujar*; *enclorizar* = *en-colerizar*; *tribulo* = *turibulo* (Boav. II, p. 143, 144 e 152).

VII Brinco

Um dos nomes mais vulgares com que o moderno Portugal designa as arrecadas, e ás vezes os braceletes, os broches etc., emfim todos quantos ornatos de ouro, prata ou outro metal tem forma de argola ou grillhão, é a palavra *brinco*.

O nome com que o antigo Portugal nomeava os mesmos objectos, é *rinco*.

Eis alguns exemplos para provar este facto (que os Dictionarios

conhecidos *não* registam), extractados da traducção da Bíblia que o benemerito Fr. Fortunato de S. Boaventura publicou.

Ined. II, p. 34 Enton deu Eliezer a Rebeca *vincos d'ouro pera as orelhas*.

Ib., p. 134. «Aarom escusou-se dizendo que el lançara os *vincos* eno fogo e que saíra feito aquela fegura de bezerro.

Ib., p. 135. Tomade os *vincos* de vossas molheres.

Ib., p. 202. Mas hũa cousa vos peço que me dedes todos os *vincos* d'ouro e as doas das orelhas.

Compare-se ainda a seguinte passagem do Cod. Alf. (v, 47, 5): «Se alguma mulher levar *vincos nas orelhas*, mando que lhos nom tome nenhum nem lhos embargue».

E' claro que o etymo de duas palavras de fôrma tão parecida e de significação identica deve ser um só. Neste caso é o latim *vinculum*: laço, atadura, algemas, grillhões.

Já demonstrei, em tempos, como de *vinculum* nasceu *vinco*, passando pela fôrma intermedia *vincoo*, exactamente como de *diabulum* veio *diaboo*, *diabo*, de *populum*, *poroo*, *povo*; de *periculum*, *perigoo*, *perigo*; de *baculum*, *bagoo*, *bago*; (V. Miscell. Caix-Canello. N.º 48 e 47). Mas só tratei do sentido moderno de *vinco*, deixando de lado o material com que tencionava construir a etymologia de *brinco*. Resta-me pois completar o que então comecei.

Para chegar á forma *brinco* temos que partir, não do classico *vinculum*, mas sim do vulgarismo *vinclum*.

Este *vinco* existiu na dicção antiga de Castella. Lêmos p. ex. nos *Castigos e Documentos del Rey D. Sancho*, cap. XI, o trecho seguinte em que *vinco* significa o *anel*, e *sortija* o castão da pedra preciosa.

«En la mano diestra tenia un rubi con una sortija; en el *vinco* della estaban letras escriptas en que la llamaban mesura».

A emenda de Pascual de Gayangos que quer substituir *vinco* por *rinco* é inutil, se a minha interpretação fôr exacta.

Vinco devia, forçosamente, tomar em Portugal a fôrma *vincro*; em harmonia com *reg(u)la regra*, *saec(u)lum segre*, *gland(u)la landre*, *sab(u)lum sabro* (d'onde o moderno *sabro*).

O seu desenvolvimento, porém, ainda não parou aqui. Para a palavra trajar perfectamente á portuguesa, o *r* da syllaba final devia mudar para a primeira, attrahida pela consoante *v* ou *b*.

De *vincro* nasceu *brinco*, assim como nasceram *fresta* de *festra* *feestra* *fenestra*; *tebras* de *tebras* *tebras* *tenebras*; *bradar* de *braadar* *baladrar*; *trado* de *taladro*; *fralda* de *faldra*; *brega* de *bebera*; *frauga* de *fabrica*; e os galleguismos *croba* de *cobra*; *prove* de *pobre*; *freve* de *febre*; *prebe* de *pebre*; *crabito* de *cabrito*; *crongo* de *congro*; *crosto* de *costro* = *colostro* *calostro*; *crasto* de *castro*, etc., etc.

O sr. Cornu explica (no § 168 do seu Estudo) *brinco* do port. ant. *vinco*. E' muito provavel que nestes dous vocabulos esteja em germe esta minha etymologia — coincidência de que eu só me podia regosijar.

VIII Elo

Elo designa: 1.º cada um dos aneis de uma cadea, ou das argolas de uma amarra.—2.º as gavinhas das plantas sarmentosas e trepadeiras.—3.º a porção de linho que se pôde abarcar pelo pollegar e o index formando aro ou anel.—4.º em sentido figurado qualquer ligação. Resulta que em todos os casos o *élo* é um *annel*, o lat. *anellum*.

Annel ou *anel* é uma forma erudita: a forma popular mal podia conservar o *n* simples entre vogaes. De *anello* devia ou podia provir *aello** e por assimilação da atona á vogal accentuada *ello* ou *élo*. A queda do *n* e a contracção das vogaes são factos tão conhecidos e tão amplamente demonstrados que já não vale a pena accumular exemplos. Baste um unico: *quelha* de *queelha*—*canalicula*.

IX Espanto

A forma antiga é *espaanto* i. é *esparanto* com queda do *v* como no antiquado *paão*—*pavão*; por *espavento* (cast. *espaviento* e *aspaviento*), substantivo verbal de *es-paventar*, do radical lat. *par-* que significa —medo, terror. Os verbos derivados em *-entar* eram numerosissimos nas antigas linguas da península. Tinhamos (e temos) *afugentar*, *aculentar*, *adormentar*, *aferventar*, *amolentar*, *apascentar*, *apodrentar*, *apouquentar*, *apousentar* (de onde *aposento*) *aque(e)ntar*, *ase(e)ntar*, *aciveentar*, *engugentar*, *enriqueentar*, *empeçoentar*, *endureentar*, *regentar*, *sementar* e muitos mais.

X Fueiro

Toda a gente sabe o que são *fueiros*, aliás *estadulhos*: paus mettidos a pino em buracos feitos no leito do carro de bois, para segurar a carga que elle leva. Nestes *fueiros* é que se amarram muitissimas vezes *cordas*. Corda em lat. é *funis*; o *fueiro* é um *funarius**. Ao lado de *fueiro*, existe ainda outro synonymo, derivado tambem de *funis*. É o gallego *funfueiro* que parece corresponder a *funicarius* mas que será talvez antes um derivado em *-eiro* de um antigo e hoje perdido *fungo*—corda, por *fungoo*—*funiculum*.

XI Gronho

Desejo e espero que todos os leitores dirão, um pouco admirados: «Que quer dizer gronho? Nunca ouvimos tal palavra».

Confesso que tambem ha pouco a desconhecia. Lubriguei-a apenas nos vastos, tristonhos mas indispensaveis cemiterios da lingua — nos Diccionarios.

Moraes foi o primeiro que compoz para a sua bella obra o artigo seguinte:

«*Gronho s. m.: certa pera.— Canc. do Res. fl. 3*» — o qual foi posteriormente transcripto, com levissimas modificações, por quantos lexicographos Portugal produziu, e pelos estrangeiros que se dedicaram a este ramo de estudos. *Gronho* lá figura até no «*Wörterbuch*» da minha boa mana D. Henriqueta Michaëlis. Quando revi as provas d'esta obra, publicada em Leipzig, não me atrevi a riscá-lo. Respeitei-o como a um desconhecido de quem eu não sabia cousa alguma, nem de bem nem de mal. Mas resolvi seguir-lhe as pisadas, e hoje posso desmascara-lo como um impostor, indigno da boa fé com que foi tratado até agora.

Na lingua viva não ha *pera* ou *pero gronho*; e se aquelle trecho do *Canc. de Res.* foi, como devo presumir, a unica fonte do supracitado artigo, posso asseverar que tambem não existiu na lingua antiga. Se não vejamos.

A passagem a que Moraes se refere, é de Francisco da Silveira e pertence ao celebre processo entre o *Cuidar* e o *Suspirar* suscitado por D. Leonor da Silva. E' como advogado dos suspiros que elle diz a p. 15 do vol. I da edição de Stuttgart:

Pois vossa gran fermosura,
nos pos todos em cuidado,
conheça quem tem tristura
que, por sa desaventura,
sospiros lhe days de grado!
Ca por ley dos amadores
o cuydar sospirar ponho (?):
cuydar he cuydar no gronho,
sospiros, vivos amores.

Explique quem quizer e poder o que uma *pera-gronho* tem que fazer aqui. Só se *cuidar no gronho* equivale á phrase pittoresca e popular «*scismar na morte da bezerra*» ou «*cuidar na péga, se é branca ou preta*»!

Investigando tive a boa fortuna de descobrir o mesmo *gronho* em outra passagem do Cancioneiro (II, p. 46); e diz:

De meu mal cura ninguem!
Triste, desaventurado!
nem quem amo tem cuidado
de quanto dano me vem.
Mantenho-me no que sonho
por espaçar,
como quem quer meu sonhar
se torna cuydar no gronho
mays que nojos afastar.

O mesmo *cuidar negronho!* Ia dizer *cuydar no gronho*, mas a minha penna, impaciente e avida de chegar á verdade, já rectificou o duplo erro da velha edição de 1516, assim como en julgo que deve ser rectificado.

Negronho, de *negro*, seria como *negregado* tomado sómente no sentido figurado, e significaria tudo o que é triste, infausto, desgraçado, malfadado e aborrecido. Tal adjectivo não figura, é verdade, nos dicionarios ao lado de *negraço*, *negral*, *negralhão*, *negrejante*, usados sómente no sentido real. Mas isso importa pouco. Os adjectivos *tristonho*, *risonho*, *medonho*, *guardonho*, *enfadonho*, *pedigonho* (e outros), que também faltam, em parte, na maioria dos tesouros da lingua litteraria, autorisam-me a suppôr a existencia de *negronho*. *Negregado* e *negrainho* viveram e vivem positivamente, apesar de excluidos dos *Repertorios* da vernaculidade.

Quem acceitar a minha explicação, perguntará ainda assim: «como e porque é que Moraes inventou a fabula da *pera-gronho?*» Tentei adivinhar o enigma. O leitor dirá se acertei.

Na folha immediata do Cancioneiro de Resende (4.^a), e fazendo parte da mesma poesia, ha uma estrophe satyrica em que se enumeram varias qualidades de fructa nacional como sendo o objectivo dos suspiros apaixonados das damas palacianas. Quem fala é dom João de Menezes «por parte do cuidar e contra o suspirar». E diz:

Senhoras, pois sospyraes
por pessegos, por melão.
por peras, figos orjaes,¹
marmelos, uvas ferraes,
aas vezes por queijo e pão etc.

Pois bem! Nos excerptos de Moraes o *gronho* da folha 3.^a devia figurar muito perto dos *figos orjaes* e mais fructas da folha 4.^a, e esta visinhança levaria o auctor do Diccionario a suppôr que *sospirar por pessegos* etc. e *cuydar no gronho* significavam a mesma cousa e que *gronho* devia ser, portanto, o nome de uma fructa qualquer!

Existiram e existem *peros negronhos*? Bem possivel é! Ha muita qualidade de fructa, cujo nome especial deriva da sua cór. Conheço *peras ruivae* e *trigae*; *figo verdeil* e *verdello* e *lourelo*; *uva ferval* e até *figos negrainhos* (Ined. da Acad. v, 558), *figos* e *maças orjaes* (Ined. v, 559) e *maças negrainhas* (ib. p. 557).

¹ Emendei a punctuação que era defeituosa. — *Pro domo* direi ainda que os erros de impressão são numerosissimos, tanto nos originaes, como na edição moderna. Os *figos orjaes* vem citados ainda no vol. III a p. 588.

XII Ichó

Ichó designa uma armadilha para apanhar perdizes etc. Tem forma de alçapão. — Ha variantes vulgares da palavra, de que falarei depois: a unica fôrma antiga é, comtudo, *ichóo*¹, o que basta para indicar claramente como etymo latim um diminutivo em *-olum* ou *-iolum*².

Quem conhecer o feiitio e a estrutura da simples, mas engenhosa armadilha, composta principalmente de duas meias portinhas, reconhecerá comigo que o etymo latim não pode deixar de ser *ustjolum* por *ustiolum* de *ustum* por *ostium*, cast. *uzo*, ital. *uscio*, franc. *huis*, prov. *uis us*.

O *stj* latino tem como representante unico e legitimo em Portugal a palatal *x* ou *ch*³; substituição de *u* atono, na visinhança immediata de palataes, por *i*³, é vulgarissima na nossa lingua — de sorte que nem da parte da forma, nem da parte do sentido podem ser levantadas serias objecções.

As variantes vulgares de *ichó* são: 1.º *chó*, nascida por simples apherese do *i*; 2.º *inchó* com nasalacão do *i*, que se explica como em muitos outros casos, por influencia do prefixo *in*; 3.º *enchó* e *eichó* por assimilação ao conhecido instrumento de carpintaria que tem este nome; 4.º *ichóz*, *inchóz* e *chóz*, extrahidos por «falsa analogia» dos pluraes dúplos que o vulgo inventou para o grupo de palavras que acabam em *ó i é á â ei e z*.

Omitto um longo excursio sobre estes pluraes (*inchózes*, *ilhózes*, etc.) assim como outro sobre o genero feminino dos substantivos em *-ó*.

¹ Mencionarei apenas a formula *caçar com ichóo* que se acha nos lueditos da Academia III, p. 500.

² *Treçó* (*terçol*) é *tritice-olum*. — *Misc.* Caix-Can. n.º 43; *ourizó* (gall.) *ordiolum*; *treçó*, *tertiolum*; *feijóo*, *phasiolum*; *enchó*, *asciolum*; *pió*, *pediolum*; *Grijó*, *ecclesiolum*; *filhó*, *filisolum*.

³ Temos *ichão* por *uchão* (v. o art. seg.); *chocolate* por *chucolate*; *chimaço* por *chunago*; *chirumbela* por *churumbela*; *abichornar* por *abochornar*; *eichote* (gall.) de *sicho* (cast.; port. *chuch...*); *chitão* do franc. *chut*; *icharo* por *ocharo*; *ihó* por *ulhó* (v. o art. XIV), *milher* por *mulher*; *Jinó* por *Junol*; *jibão* por *jubão*; *jumento* por *jumento*; *rujões* por *rujões*; *sogigar* por *sojugar*; *escominhão* por *escominhão*.

Existem ainda outros exemplos da troca de *i* e *u*, como em *litor*, *tutor*; *Tituão*, *Titudo*; — *prudente*, *prudente*; — *derrubar*, *derrubar*; *arrimar*, *arrumar*; *Furmino*, *Firmino*; — *Imbelina*, *Umbelina*; *imbigo*, *umbigo*; — *inguento* *unguento*; *crisol*, *crisol*; *qitelo*, *catelo*; *Frituoso*, *Frituoso*; mas os diferentes gruposinhos que separei admittem ou exigem explicação especial.

⁴ O povo moderno não gosta do *e* e *i* e o surdo no principio de palavras, e prefere a preposição conhecida *in*, que lhe é muito familiar. Assim é que prefere *inducar* a *educar*; *indeficir* a *edificir*; *indegante* a *elegante*; *inconomico* a *economico*; *interno* a *eterno*; *Inlias* a *Elias* (Bussaco); *Ingito* a *Egypto*; *inquívoco* a *equivoco*; *inlogio* a *elogio*; *inleito* a *eleito*; *ingreja* a *egreja*; *inzame*, *inzaminar*, *inzemplo*, *inzeigente*, *insolencia* (*insolencia*), *inzercito*, *inseccução* a *ex.*; e até *Iuropa* a *Europa*; *incullar*, *incasião* a *ocullar*, *ocasião*; *inritar* a *irritar*; *incessio* a *excesso* e *impocríta* a *hypocríta*, exemplos colhidos na feira do Anjo d'esta cidade do Porto.

XIII Ichão

Icham (Ined. III, 107, 118, 138, 291, etc.) *ycham*, *hicham*, *eycham* (*Mon. Leges*, p. 195) e *ucham*, *hucham*, parecem à primeira vista derivados da mesma raiz *ustjum* que reconheci em *ichó*. *Ustjanus* synonymo de *ustjarius* que vive no franc. *huissier*, ital. *usciere*, antig. hisp. *uxier*, *uxero*. A significação não o admite todavia. Um *dispenseiro* não é um *guarda-portão*.

Uchão, *ucheiro* e *ucharia* ¹, de *ucha hucha*, lat. medieval *hutica* = arca do pão e da farinha, são de origem alemã. V. Diez II, c.

O cast. ant. conheceu o *echan*. Julgo acha-lo num verso de Berceo, *Duelo* 39 :

Dieronli mal bebraio commo malos ECHANES, no qual Pascual de Gayangos vê o francez *chien* = *canis* (!).

XIV Ilhó

Já indiquei acima a minha opinião sobre a origem d'este termo tecnico com que o povo denomina o furinho redondo aberto com o furador em panno, coiro, cartão, etc., por onde se enfiam fitas, atacadores, etc. *Ilhó* por *ulló* é um diminutivo de *olho* e representa portanto *oculolum* — um olho muito pequeno.

Esta figura rhetorica está em perfeita harmonia com o modo de vêr de quasi toda a familia romanica. O francez chama ao *ilhó* *ocillet*, o cast. *ojete*, o catalão *ullet*, o gallego *ollite* e *ollat*, o italiano *occhiello*.

Quanto á forma, bastará que eu apresente o gallego *ilhó* e *ulló* que designam ambos um «olho de agua, um pequeno lago, pantano ou charco» ².

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

¹ Conheço duas phrases populares sobre *ucharia*: a *casa da magra ucharia* (wo Schmalhans Küchenmeister ist) e a pergunta: *Onde é a sua ucharia?*

² Os nomes de lugar e de familia ILHÓ(A) e ULHÓ(A) podem muito bem ter a mesma significação e origem.